

## **NO DIZER DA PRÁTICA: O DISCURSO DO SUJEITO – PROFESSOR E SUAS IDENTIDADES**

Fernanda A. Chuffi<sup>1</sup>  
Filomena Elaine Paiva Assolini<sup>2</sup>

*As palavras me antecedem, me ultrapassam, elas me tentam e me modificam, e se não toma cuidado será tarde demais: as coisas serão ditas sem eu as ter dito.*  
(CLARICE LISPECTOR).

Parafraseando Lispector e entendendo que, nos diferentes tipos de diálogos há trocas marcadas pela condição de produção, procuramos compreender o sujeito a partir de seu percurso e, das imagens que ele constrói de si e do(s) outro(s) através de suas práticas pedagógicas. Há nos espaços discursivos *palavras que antecedem, ultrapassam, tentam e modificam* o sujeito, uma vez que, a cada posição ocupada, esse sujeito se (des)constrói e se inscreve em outro(s) dizer(es).

Assim, entre os (não)ditos desse estudo trazemos a reflexão sobre a construção das Identidades Profissionais, em relação às suas escol(h)as e experiências. É possível, portanto, abarcar a noção de sujeito, a partir da posição e da constituição das identidades do sujeito-professor do Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano), compreendendo os processos de formação desse sujeito, por/pelas suas próprias narrativas. Entendemos que ao propormos um espaço para esse profissional se narrar, criamos momentos para que esse sujeito esteja em cena e encene um lugar para se dizer, para falar da sua trajetória de vida, numa história de “confessar-se” (FOUCAULT, 1984).

Neste estudo, problematizamos também o discurso do sujeito-professor, e a relação que ele estabelece com suas memórias, para dizer sobre o fazer em sua prática, mobilizando o imbricamento dos ecos das vozes dos outros que o

---

<sup>1</sup> Mestranda do Departamento de Educação, da Universidade de São Paulo, na cidade de Ribeirão Preto – USP.

<sup>2</sup> Doutora e Professora do Departamento de Educação, da Universidade de São Paulo, na cidade de Ribeirão Preto - USP.

constituem em suas identidades. Para tanto, teremos gestos de interpretação sobre os “fios” que tecem a “trama” do discurso do sujeito-professor, tendo como ênfase metodológica, a relação do sujeito com suas memórias (interdiscurso e intradiscurso) e entre a afirmação de si (pelas identificações). Esse *corpus* é analisado sob o viés da AD com Pêcheux (1995), Orlandi (2005) e Assolini (2013). Após uma breve apresentação da teoria da Análise de Discurso de matriz francesa, com os conceitos de sujeito, discurso e memória, e as contribuições freudo-lacaniana com a subjetividade, a metodologia da ciência da educação, procederemos com as análises discursivas e traremos gestos conclusivos.

## **FUNDAMENTOS CENTRAIS DA ANÁLISE DE DISCURSO FRANCESA**

Trabalharemos com o campo teórico-metodológico da Análise de Discurso francesa (doravante AD), ressaltando seu objeto de estudo, o discurso em movimento, em percursos que se (re)fazem no correr entre as línguas nos/pelos efeitos de sentido entre interlocutores (PÊCHEUX, 1969). E, assim, definimos esses efeitos como os indícios que se constituem no processo de interlocução em que estão presentes as relações de força estabelecidas e determinadas, entre os fazeres científicos, profissionais, cotidianos e as histórias individuais que compõem cada sujeito, pois, “mais do que o sujeito interessam-nos as posições-sujeito, num processo de constituição mútua no seio dos acontecimentos históricos-sociais” (FERREIRA, 2003, p. 192).

Nessa perspectiva do movimento, observaremos o sujeito em sua posição discursiva, com o seu lugar definido na linguagem pelas condições de produção, e pelas relações de poder, saber e dizer. Analisaremos a linguagem em movimento(s) de sentido(s), com as marcas da ideologia, lembrando que “não há discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia” (ORLANDI, 2003, p. 13). Assim sendo, pelo efeito de linguagem, o sujeito traz em seu discurso os ecos de sua posição docente, de suas identificações, de sua(s) identidade(s) que poderão se atualizar ou se reverberar na memória discursiva pelos efeitos de um já-dito.

A memória discursiva é trazida nesse percurso, pois o saber discursivo torna possível o dizer “que retorna sob a forma do pré-construído... sustentando cada

tomada de palavra” (ORLANDI, 2005, p. 31), assim o interdiscurso é o efeito evocado, pois afeta e disponibiliza modos de como o sujeito pode se (re)significar a partir de determinadas situações e/ou posições discursivas. Nesse processo de (re)significação do discurso, a ideologia faz parecer evidente que certos sentidos sejam naturalizados e ditos, apagando outros (im)possíveis de circular. Dessa maneira, a ideologia produz uma relação necessária de obviedade para o sujeito em determinada posição. Ao mudar de posição, a ideologia interpela o sujeito de outro modo, o que nos permite considerar que o sujeito pode migrar, mover-se entre diversas regiões de sentido, deslocar-se de uma formação discursiva para outra, construir o seu dizer, de acordo com a posição de poder e saber que ocupa.

Tendo em vista as considerações acima, pretendemos conduzir nossa pesquisa compreendendo a linguagem em sua incompletude, para além da gramaticalização e da documentação repetitória, as quais são tão vivenciadas no contexto escolar, abrindo espaços para outras práticas mais desafiadores e inquietantes. A escola é para nós um lugar privilegiado da escuta desse jogo discursivo, pois permite questionar sentidos naturalizados, no nosso caso, tidos como lei. E, ao questionar na posição de analistas podemos entender as situações e as posições que o sujeito-professor ocupa diante de algumas normatizações e repetições. Nas relações que se dão nos/pelos processos discursivos, o sujeito se filia, seja para se posicionar, para falar de si, sobre si e/ou sobre os outros. Nesse processo de filiações, o sujeito-professor demonstra as marcas de suas relações de identificações com os outros fazendo ecoar nas suas formações discursivas, as condições de produção que “podem ser entendidas como sendo as circunstâncias em que se efetivam os discursos e se abarcam fundamentalmente os sujeitos, a situação e a memória” (ASSOLINI, 2013, p. 34), assim, consideramos o sentido estrito (enunciação) e/ou sentido amplo (contextos-históricos e ideológicos, memória discursiva, formação imaginária e memória institucional), em que o discurso vai se tecendo e mantendo suas relações com outros dizeres.

Dando prosseguimento à apresentação dos postulados teóricos, outro conceito importante está relacionado à subjetividade, que é entendida como “(...) um lugar que o sujeito do discurso pode ocupar para falar de si, de suas experiências, conhecimentos de mundo, sentimentos, etc.” (TFOUNI, 1995, p. 74). A possibilidade

do conjunto de representações que o sujeito faz de si e dos outros interfere na construção dos sentidos e das suas identidades, pois “toda formação discursiva dissimula, pela transparência de sentido que nela se constitui e pela sua dependência com relação do ‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas intrincado no complexo das formações ideológicas” (PÉCHEUX, 1995, p. 162). Lembramos que esse é um gesto de interpretação dentre tantos outros possíveis, uma vez que “a discursividade é um acontecimento e nem a linguagem nem a história podem esgotar inteiramente – haverá sempre espaço para outro sentido, para outro discurso” (GREGOLIN, 2009, p. 56). Sendo assim, dedicar-nos-emos, a partir de agora, a pensar algumas noções de processos formativos, formuladas por estudiosos que nos constituem ao longo de nossos estudos.

## **ASPECTOS METODOLÓGICOS DO CORPUS E GESTOS INTERPRETATIVOS**

Na perspectiva da AD, tratamos a metodologia, não como um modelo que se aplique de modo indiferenciado a todo e qualquer discurso, mas constituinte da AD, que é uma metodologia que se constrói num movimento contínuo entre teoria e a própria análise, num ir-e-vir constante entre o corpus e os fundamentos.

Ao longo do primeiro semestre de 2015, realizamos a coleta de depoimentos em escolas municipais da cidade de Ribeirão Preto, SP. Esses depoimentos foram feitos de maneira espontânea através de perguntas semiestruturadas, com o consentimento livre e esclarecido desses sujeitos. Podemos dizer que tais depoimentos e suas condições de produção formaram o “material bruto” (ORLANDI, 1999), ou amplo “espaço discursivo” (COURTINE, 1982), que deu origem ao nosso corpus. A partir desse espaço discursivo, selecionamos alguns recortes, entendidos aqui como “(...) fragmentos correlacionados de linguagem e situação” (ORLANDI, 1987, p. 87).

Desses recortes, escolhemos algumas Sequências Discursivas de Referência (SDR), (COURTINE, 1981), as quais foram por nós analisadas, como mostraremos na próxima seção. Importa ressaltar que nos valem do paradigma indiciário, tal como proposto por Carlo Ginzburg (1980). As marcas e pistas linguístico–discursivas serão por nós perscrutadas, visto que nos permitem puxar os fios do discurso

(intradiscurso), que nos remetem às formações discursivas e suas respectivas formações ideológicas. Esse processo possibilitar-nos-á delinear as regularidades discursivas dos dizeres dos sujeitos.

No processo metodológico, consideraremos a relação intradiscurso e interdiscurso. A observação deste, permite remeter os dizeres dos sujeitos-professores a uma filiação de dizeres, a uma memória, e a identificá-la em sua historicidade, em sua significância, mostrando seus compromissos políticos e ideológicos. Aquele fio do discurso, o intradiscurso, permite-nos notar o que está sendo (não)dito, naquele momento dado, em determinadas condições de produção. Como bem elucida Courtine (1982), todo dizer se encontra na confluência de dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E, é a partir desse jogo que nascem os sentidos, sempre em movimento, sempre nos escapando, posto que o sujeito se constitui no/ pelo dizer que está historicamente filiado a determinadas redes de sentido e não a outras, ou melhor, a determinadas formações discursivas e não a outras. Outra questão que deve ser salientada é que a AD não busca alcançar a exaustividade horizontal, visto que não há discurso fechado em si mesmo, todo discurso se estabelece na relação com o anterior e aponta para outro. Temos, assim, um processo discursivo do qual recortamos e analisamos estados diferentes (ORLANDI, 1999).

## **GESTOS DE INTERPRETAÇÃO: BUSCANDO OS INDÍCIOS E OS VESTÍGIOS NOS DIZERES DOS PROFESSORES**

Observaremos e analisaremos os recortes abaixo, levando em consideração que os sujeitos-professores contaram sobre suas melhores experiências, num percurso que se filia a outros dizeres e fazeres. Afirmamos que o discurso é heterogêneo, é atravessado pelos dizeres do(s) outro(s) guardados numa memória singular, que é acionada pelo intradiscurso reverberando o interdiscurso de cada sujeito. Lembramos também que ao enunciar o sujeito posiciona-se em relação ao já-dito que se constitui no Outro do discurso (MANGUENEAU, 1984).

**SDR1** - Tem assim quando eu assumi meu primeiro ano na prefeitura, **eu recebi** uma quarta série antiga hoje **quinto ano que era só de repetentes**, e foi uma turma que eu consegui produzir muito, até do lado social de

**entrosamento** entre eles porque eles não conseguiam nem se olhar e no final do ano o resultado foi tão bom que aí eu me apaixonei mesmo, aí eu falei não é isso mesmo eu tô no caminho certo, então eles tiveram, me deram um **retorno tão grande que eu fiquei satisfeita**, acho que foi diferente e me deu impulso para continuar na rede municipal//

SDR1 fala de seu primeiro momento na prefeitura, rememora momentos e traz os indícios da indisciplina no contexto escolar, identificando-se com os discursos cotidianos que circulam hoje nas formações continuadas, sala de professores, mídias e corredores escolares. Porém sabemos que a indisciplina pode ser vista por vários prismas, ressoando como “revolta” contra normas e ou desconhecimento delas, assim no caso desse discurso há sentido(s) sócio-histórico-ideológico, uma vez que SDR1 traz um **quinto ano que era só de repetentes**, perpetuando sobre a indisciplina a perda de poder docente, a constatação de (in)capacidade, falta preparo para lidar com a desordem. E isso, não pode acontecer uma vez que o professor é visto como um sujeito inteligente, centrado e capacitado para controlar tanto o ensino quanto a aprendizagem, em um espaço escolar em que se dão as relações. Esse sujeito-professor traz os sujeitos-repetentes a priori como indisciplinados e demonstra que o rendimento do(s) aluno(s) estão associado(s) às questões sociais e comportamentais, mas na sequência seguinte traz êxito de seu saber-fazer, pois, foi esta uma turma que **eu consegui produzir muito**, desde o **lado social** de entrosamento até o ensino efetivo com um **bom retorno**. O enunciado **produzir** nos remete a ideia de procedimentos e de dinâmicas impostas à aula, e subjaz um procedimento mercadológico de produção em massa, em que o procedimento pedagógico traz a concepção ilusória de aula(s) centrada(s) no(s) aluno(s), como se o sujeito-professor tivesse o poder de domesticar o outro, trazendo nesse recorte as marcas do Discurso Pedagógico Autoritário (DPA), recorrentes talvez das próprias experiências desse sujeito-professor, bem como de suas identificações e filiações discursivas. Nas marcas desse interdiscurso há uma objetividade material contraditória, objetividade material essa que, segundo Pêcheux (1990), reside no fato de que algo fala sempre antes, em outro lugar e independentemente, isto é, sob a dominação do complexo de formações ideológicas. Ainda sobre as marcas discursivas e de identificações permeadas pelas formações ideológicas, entendemos que “(...) é isto que fornece a cada sujeito a sua

realidade enquanto sistema de evidências e de significações percebidas—aceitas—experimentadas” (ORLANDI, 1996).

**SDR2 - Como professor eu tenho um compromisso político comigo muito grande né// A escola pras classes dominantes ela é parte// para a classe dominante a escola é parte mais um momento da vida dela, mas pras classes dominadas a escola é tudo, a escola é a única possibilidade que ela tem de aprender determinados conhecimentos.**

Ao se posicionar como professor, SDR2 fala do seu compromisso político, demonstrando que este o move a buscar ser cada vez mais democrático no espaço escolar. Esse sujeito anuncia a escola enquanto possibilidades de aprender determinados conhecimentos. Aqui o DPA é, assim, a materialização da formação ideológica necessária para a manutenção da ordem social moderna, que se fundamenta na desigualdade entre as classes, pois a escola **pras classes dominantes ela é parte**, mas, **para pras classes dominadas a escola é tudo**. Ao trazer tais comparações, esse sujeito busca em sua memória seu trajeto escolar, pautado na escola pública e demonstra sua identificação com a militância política, pois SDR2 tem o **compromisso**, denunciando entre os (não)ditos a falta de compromisso dessa classe de trabalhadores, então aqui entendemos os sentidos enquanto resultados de relações, e segundo Pêcheux (1988) há uma relação de forças, ao agir sobre o lugar onde fala sujeito, que é constitutiva do que ele diz, devido as relações hierarquizadas que formam a sociedade.

No processo de constituição do discurso desse sujeito há na memória, o domínio do saber, os outros dizeres já-ditos ou possíveis, garantindo “a formulação (presentificação) do dizer, e sua sustentação” (ORLANDI, 1996, p. 39). Em outras palavras, esse sujeito identifica-se com certas ideias, com certos assuntos, com certas afirmações, pois tem a sensação de que elas “batem” com algo que ele também tem ou espera que aconteça. Há nesses dizeres (re)formulados tensão entre o mesmo e o diferente, que constitui as várias instâncias desse (dis)curso, que se situa na relação entre a variação, a multiplicidade inerente à linguagem e a sua obrigatoriedade institucional.

## ALGUMAS PALAVRAS CONCLUSIVAS

Na fala dos professores, percebem-se ecos de vozes que se entrecruzam, provenientes de identificações e de regiões de conflitos, imbricados entre a teoria e a prática, o discurso pedagógico e a vivência na sala de aula, liberdade e autoritarismo. Assim, sob uma aparente e ideal neutralidade emergem marcas que apontam a subjetividade. Sob o discurso de uma experiência exitosa há a máscara da ideologia dentro de um discurso da eficiência, que emerge a(s) voz(es) dos outros apontando muitas vezes a (in)eficiência e a (des)valorização profissional. Então, é nessa rede emaranhada de fios que se (entre)tece a(s) identidade(s) do sujeito-professor, filiada aos processos de identificação e as condições de produção que levam esse profissional a se posicionar para se dizer, atravessando nesse espaço escolar a fronteira entre o exterior e o interior, numa tensão e contradição marcadas na/pela linguagem.

## REFERÊNCIAS

ASSOLINI, F.E.P. O discurso lúdico na sala de aula: letramento, autoria e subjetividade. In: *Diferentes linguagens no contexto escolar: questões conceituais e apontamentos metodológicos*. Ed. Insular. Florianópolis: 2013.

COURTINE, J. J. Analyse du discours politique. Le discours communiste adressé aux chrétiens. In.: *Langages*, 62, 1981.

\_\_\_\_\_. Définitions d'orientations théoriques et construction de procédures en analyse du discours. In: *Philosophique*, 1982.

FERREIRA, M. C. L. Nas trilhas do discurso: a propósito de leitura, sentido e interpretação. In: ORLANDI, Eni. (Org.). *A leitura e os leitores*. 2 ed. Campinas: Pontes, 2003.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I – a vontade de saber* (1976). Rio de Janeiro : Graal, 1984.

PÊCHEUX, M. (1975). *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Orlandi (et al.). Campinas: Unicamp, 1995/1998.

\_\_\_\_\_. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni Orlandi (et al.). Campinas: Pontes, 1990.

ORLANIDI, E. P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos dos trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. *A linguagem e seu funcionamento. As formas do discurso*. Pontes. Campinas, São Paulo: 2003.

\_\_\_\_\_. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. Tradução de Eni P.Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2.ed. Campinas: Unicamp, 1993. p.61-161. Tradução de: *Analyse automatique du discours*, 1969.

TFOUNI, L.V. *Letramento e Alfabetização*. São Paulo : Cortez, 1995.